

Valério Muale



“A dança nondje exalta a coragem e a valentia dos guerrilheiros”

Valério Martins Muale é bailarino e coreógrafo natural de Cabo Delgado. Nasceu na aldeia Namacule, no distrito de Muidumbe, planalto de Mueda. Desde cedo interessou-se pelos instrumentos musicais e pelas danças tradicionais características da comunidade Makonde, influenciado pelo ambiente familiar. Foi no início dos anos 90, quando se mudou para a cidade de Maputo, que passou a pertencer a grupos culturais, com destaque para o grupo cultural de canto e dança “Massacre de Mueda” criado em 1997. A partir daí tem aperfeiçoado a coreografia de mapiko, nondje e limbondo, e participado em vários projectos e festivais culturais.

P: Quem é Valério Muale? Quando e onde é que nasceu e como surgiu o seu interesse pela dança?

VM: Muito obrigado. Boa tarde! Eu sou Valério Martins Muale, natural de Cabo Delgado. Nasci numa aldeia pacata chamada Namacule, distrito de Muidumbe no planalto de Mueda. A minha infância foi passada em diferentes lugares, quero dizer, eu nasci em Cabo Delgado, mas quatro anos depois, a minha tia levou-me para a cidade da Beira onde vivi durante quatro anos. Depois regresssei à minha aldeia natal. Quer dizer, estive ausente de 1978, quando fui para a Beira, a 1982, quando deixei a cidade da Beira e regresssei.

Em 1982 comecei a fazer os meus estudos primários em Cabo Delgado onde estive até 1990. A minha tia veio outra vez buscar-me, desta vez para a cidade de Maputo. Então, foi a partir da cidade de Maputo onde eu realmente comecei a meter-me com toda a profundidade na dança. Mas antes disso, eu já fazia dança na aldeia. Eu sempre gostei da dança, sobretudo da dança mapiko. A partir da dança mapiko tive interesse por outras danças.

Naquele tempo, sobretudo nos anos 80 e 90, houve um *boom* na dança, houve muita criatividade, surgiram muitas danças. De entre essas muitas danças, eu comecei a praticar o chindimba e o limbondo. Há uma outra dança que eu não praticava, o lingote. Foi assim que eu comecei a ganhar interesse pela dança.

P: Que danças eram executadas na sua infância?

VM: Para além da dança mapiko que é o cartaz ou o “prato forte” da comunidade maconde, tínhamos as danças limbondo, xinguengue, chundimba, lingote, natxaka, nedjale, tamadumbe e tantas outras que eu não posso aqui recordar, mas sempre estive lá para assistir e estive lá também para praticar algumas delas, durante a minha infância. Acredite que naquele tempo nós tínhamos aquela vontade de sempre aprender e havia um intercâmbio natural. Podíamos sair da nossa aldeia para outra aldeia distante, mais ou menos, uns 15, 20 até 50 quilómetros, andando a pé, com os nossos instrumentos ao ombro ou na cabeça, para podermos ir mostrar o que nós sabíamos em relação à dança e os outros, os donos da aldeia, nesse caso, ajudavam-nos a praticar. Podíamos ficar dois a três dias na aldeia e depois regressávamos a casa, mas tínhamos o hábito de, em cada aldeia por onde nós passássemos, parar um tempinho, uma hora, e dançarmos. Depois continuávamos até chegarmos à nossa aldeia. Para indicarmos ou darmos sinal de que já estávamos de volta, antes de irmos para as nossas casas, primeiro tínhamos que chegar ao centro da aldeia para executarmos as danças e depois cada um ia para casa.

Foi assim que eu realmente comecei a interessar-me pela dança. Quando cheguei à cidade de Maputo, fiquei um tempinho sem andar perto das actividades culturais, porque tive primeiro que procurar continuar os meus estudos que tinham sido

interrompidos em Cabo Delgado, antes de vir para Maputo. Depois disso, quando cheguei a Maputo, tive que reiniciar. Houve um tempo, se não me engano passaram-se sete anos, em que andei distante das danças. Assim que a oportunidade apareceu, não a perdi.

Entrei como um dos instrutores porque eu trazia o meu *background* em relação à dança. Comecei a ensinar aos outros aquilo que eu sabia e acredite que também aprendi muita coisa. Por exemplo, não tinha prática de tocar tambor, mas foi aqui onde eu realmente comecei a praticar e realmente comecei a saber quais são os contornos daquilo que é tocar um tambor.

P: Poderia descrever, de forma breve, as danças praticadas em Cabo Delgado?

VM: Por exemplo, podemos pegar no limbondo que é uma dança que faz parte, ou está naquele grupo das danças que têm praticamente a mesma cadência ou ritmo, como a dança de nondje e chindimba. O limbondo é uma dança praticada tradicionalmente por homens e é dançada com uma coreografia circular, onde os tocadores estão no meio e ao redor deles estão os dançarinos. Então eles vão girando, enquanto cantam e chega um momento, quando a canção chega ao fim, que o tamborista dá sinal e todos ficam agachados a interpretar os passos.

É uma dança que jovens e adultos estavam sempre a praticar, mas era dançada sobretudo por homens. As mulheres até podiam entrar, mas era maioritariamente praticada por homens. É uma dança em que, na essência, a indumentária é livre, quer dizer, podia-se usar uma saia de pano ou palha, aquela que é chamada nkumbe, alguém podia aparecer com calças ou calções, descamisado, ou com camisa. Podiam usar-se chocalhos nas pernas/pés, amarrar uma fita na testa ou uma corda selvagem, daquelas cordas que se encontram no mato, ou mesmo um pano para amarrar ou ainda usar um pau, apenas para enriquecer mais a dança.

Mas também temos o famoso mapiko onde a figura principal é o mascarado. Ele é realmente o centro de tudo ali, mas a orquestra do mapiko é maior do que a do limbondo. Temos uma orquestra de cadências que em maconde chamamos de xinganga (singular) e linganga (plural). Depois temos o homem do neya (neha) que é um tambor (bataque) mais comprido do que os outros e que é o comandante de todos. Temos o tamborista principal que toca o ligoma e o likuti e é esse tamborista principal que interage com o dançarino principal que é o lipiko. O lipiko é um dançarino, o que tem a máscara, e mapiko é a dança. Também temos outros participantes que estão mais afastados, a cantar, a gritar, a tocar xipalapala, mas tudo isso em volta daquela dança, do mapiko.

P: As danças que mencionou têm alguma ligação com a resistência ao colonialismo?

VM: Das danças que eu mencionei agora, a que tem uma ligação directa com a resistência em Moçambique é a dança nondje. Essa é uma dança tipicamente guerreira. O mapiko pode ter sido usado no tempo da luta de libertação nacional para poder passar mensagens de repúdio, de repulsa, em relação ao colonialismo português, mas é uma dança que já existia antes do início da luta de libertação nacional. É uma dança ligada aos ritos de iniciação masculina.

O limbondo é uma dança que se praticava nos tempos livres. Naquele tempo da luta de libertação nacional, nas povoações, e sobretudo quando começaram a surgir as primeiras zonas libertadas na província de Cabo Delgado, no planalto de Mueda, os jovens saíam de férias das escolas e internatos e iam para as povoações. Encontravam-se e dançavam limbondo, dançavam nkawa. Mas depois houve necessidade de se criar uma outra dança para difundir mensagens de unidade, de exaltação à coragem dos guerreiros (guerrilheiros), durante a luta de libertação nacional. Foi a partir daí que se criou o nondje, entre 1967-1968, durante a luta de libertação nacional.

Portanto, a dança nondje é uma dança tipicamente guerreira que está classificada como sendo do grupo das danças guerreiras aqui em Moçambique. Surgiu no contexto da luta de libertação nacional e era, sobretudo, praticada por homens. Não é que as mulheres não pudessem participar nessa dança, não era vedada a sua participação, mas por causa daquela força que a própria dança exige na sua execução muitas mulheres deixavam a dança para os homens executarem. Mas é uma dança que surgiu no contexto de luta de libertação nacional.

As mensagens, como me referi, são de exaltação aos guerreiros (os guerrilheiros) para elevar a sua coragem e valentia durante os combates. Por exemplo, falam da unidade popular necessária para a resistência ao colonialismo. São canções que, por exemplo, diziam o que o povo devia fazer em relação ao colonialismo. Então, todas essas expressões, todos esses sentimentos, eram expressos durante a execução da dança nondje. Daí essa dança ter aquela indumentária que apresenta. Mas sobretudo ela é caracterizada por interpretar passos que traduzem ou demonstram o que se passava durante a luta de libertação nacional, aqueles movimentos guerreiros.

Também, como na luta de libertação nacional não havia só a guerra, as pessoas faziam a sua vida, produziam, então na dança nondje também temos passos que interpretam a agricultura, passos que interpretam, por exemplo, a caça. Mas, sobretudo, eram movimentos guerreiros associados à guerra que se travava. Daí o uso da espingarda durante a dança nondje.

P: Em que zonas é que a dança nondje foi mais praticada depois da independência?

VM: Depois da independência nacional praticamente todo o planalto de Mueda praticou o nondje. Não aconteceu em todas as aldeias, mas na maior parte delas dançava-se o nondje, no contexto da euforia que as populações viviam logo depois de se alcançar a independência. Continuaram a manifestar-se culturalmente e foi nesse momento que houve um *boom* de mais danças. Aquelas que me referi atrás surgiram a partir da década de 70, a partir de 1975, sobretudo nos anos 80 e continuou a acontecer até aos anos 90. Praticava-se o nondje no distrito de Mueda, no distrito de Nangade, em Muidumbe, também em Mocímboa da Praia, mas hoje não encontramos o nondje a ser praticado na província de Cabo Delgado.

P: Ainda existem grupos de dança nondje?

VM: Podem existir alguns grupos, mas é preciso serem convocados, só depois disso é que eles se encontram. Pior agora com esta situação (instabilidade social) que estamos a viver. As pessoas estão dispersas. Só realmente aqui em Maputo é que o Grupo Cultural de Canto e Dança “Massacre de Mueda” continua a fazer a dança nondje e, graças a Deus, conseguiu difundi-la. Aqui na cidade de Maputo temos muitos grupos que não são oriundos de Cabo Delgado, são formados por pessoas daqui do Sul, Centro, de todo país, que continuam a praticar o nondje em vários eventos.

P: Se o nondje é originário de Cabo Delgado, o que pode ter acontecido ou mesmo falhado para que esta dança não seja muito divulgada naquela região?

VM: Na minha opinião, penso que depois da independência as pessoas passaram a ver a vida de maneira diferente. Já não lhes interessava muito a dança em si, queriam ver e fazer outras coisas. Algumas pessoas queriam continuar a trabalhar, outras queriam estudar, outros queriam migrar para uma certa zona, para ver se as condições da sua vida melhoravam. Então, foi nesse contexto que as pessoas começaram a desinteressar-se pela prática de certas danças, mas mantiveram aquelas que eram básicas, que vinham a ser praticadas desde há muito. O nondje parou um pouco, para não dizer que agora, de verdade, não se dança.

É preocupante sim, o que acontece agora. Até posso dizer que a própria dança mapiko já não é dançada em todas as aldeias como acontecia a partir de 1975 e até, mais ou menos, 2010. As pessoas estão a procurar fazer a sua vida e ela não passa necessariamente por praticar a dança, seja ela qual for. Mas mesmo assim não deixaram de criar. Os jovens sempre criaram, eu recordo-me que na província de Cabo Delgado, concretamente em Mueda, surgiram danças como naupanga, chucunuele, macuxanha, matara... são danças que foram criadas, sabemos como se dançam,

sabemos qual é o historial dessas danças, mas praticamente as pessoas abandonaram-nas e viraram-se para outros afazeres. Ultimamente os jovens andam muito ocupados a fazer negócios, a querer jogar futebol – estou a falar de Cabo Delgado, do planalto de Mueda – então, a dança já não é encarada como sendo o que, realmente, as pessoas se interessam em praticar quando voltam dos seus afazeres diários. Porque era comum, era normal naquele tempo – década de 70 a 90 – as pessoas irem para as machambas de manhã e voltarem lá para às 12, 13, 14 horas e pela tarde, ao cair da noite, as pessoas todas começarem a afluir para o centro da aldeia. Aí era normal ouvir-se o som de tambores de diferentes danças. Podia ser aquele canto a fazer a dança de tamadumbe, por exemplo, que é tipicamente de mulheres. Podia-se ir a outro lado e encontrar-se a pessoas a dançarem xindimba. Podia-se ir para outro lado e encontrar jovens a dançarem xinguengue. Portanto, era uma manifestação muito forte da cultura em Cabo Delgado, no período entre 1974 e 1990. Este foi um período áureo para a dança naquela província.

P: Referiu que o nondje faz parte do grupo das danças guerreiras. Quais são as danças guerreiras de Moçambique e quais são as características de cada uma delas?

VM: Eu conheço, realmente, até este momento duas danças. Estamos a falar do próprio nondje e do xigubo, cá no sul. O nondje, como eu disse, tem aquelas características de ser uma dança dançada maioritariamente por homens, com uma coreografia de duas linhas. Ela pode comportar, por exemplo, 8 a 22 dançarinos, dependendo da disponibilidade das pessoas que estão ali para dançar. É caracterizada exactamente por praticar passos que interpretam e demonstram acções guerreiras.

Agora, quanto ao xigubo eu não sou muito conhecedor para falar desta dança, mas como todos vemos, o xigubo tem como característica principal o empunhar daquele escudo e do bastão que servia para defesa quando os guerreiros se dirigiam para os combates. Quando voltavam do combate, depois de uma vitória, chegavam a casa, ou à povoação e era o momento da comemoração. Vestiam-se com aquelas peles que colocavam à cintura e outros adereços que amarravam nos braços e nas pernas. Nem todos, mas os considerados como principais, punham aquela moldura de pele.

Portanto, essas são as duas danças que eu conheço que são tipicamente guerreiras aqui em Moçambique. Podem até existir outras mas não me recordo nem conheço mais.

P: O nondje tem alguma ligação com os ritos de iniciação ou é simplesmente uma dança guerreira?

VM: É só uma dança guerreira que surgiu no contexto da luta de libertação. Os ritos de iniciação não estão ligados ao nondje. A dança que está ligada aos ritos de iniciação é a dança mapiko. Falo de ritos de iniciação masculina, porque nos ritos de iniciação, o iniciado, depois de ter sido submetido aos ritos, passa a saber exactamente o que é o mapiko, como se faz, quando se faz e porque é que se faz. O nondje pode ser dançado por qualquer indivíduo, mesmo que não tenha sido submetido aos ritos de iniciação, diferentemente do que acontece com o mapiko. Para se praticar o mapiko tem que se ter sido submetido aos ritos de iniciação. Antes disso não se pode praticar.

P: Quais são os adereços que os bailarinos do nondje costumam usar? Como era a indumentária dos bailarinos do nondje no período colonial e durante a guerra de libertação e como é actualmente?

VM: Falando concretamente da indumentária da dança nondje, esta é basicamente a mesma, tanto durante o período da luta de libertação nacional, assim como no período pós-independência. O que aqui posso realçar é que ela foi sendo diferente de região para região, no planalto de Mueda. Mas isso posso afirmar que foi por causa das condições que cada zona ou grupo tinha para poder adquirir a indumentária. Mas a mais básica é a saia de palha que na língua local maconde chama-se nkulumbi. Essa não deve realmente faltar. É colocada à cintura que é para poder fazer a diferença entre esta e as outras danças. Existem outras danças que também usam a saia de palha ou nkulumbi como parte da indumentária, mas no nondje esta saia também é básica. Ela é colocada na cintura e depois amarrada, para o bailarino poder fazer o nondje.

Por cima deste nkulumbi, depois de a amarrar, ainda amarramos uma capulana. Dobramos a capulana para poder reforçar e trazer mais beleza à própria indumentária. Então, dobramos desta forma [na horizontal - conforme vídeo] e depois amarramos por cima da saia de palha e deixamos um rabo da capulana por baixo que pode ver-se até por baixo das pernas do bailarino. Mas a mesma capulana também pode amarrar-se assim [cruzando o tronco – conforme vídeo]. Temos a saia de palha, depois temos uma capulana na cintura e temos uma outra capulana que cruza o tronco. Ainda há uma outra capulana que cruza do outro lado. Então ficam duas capulanas cruzando o ombro, mas também pode-se usar só uma capulana. Se não quisermos usar a capulana para podermos cruzar o tronco, podemos usar uma camiseta interior sem a capulana, mas essa capulana da cintura continua lá, apenas podemos substituir a capulana que cruza o tronco por uma camiseta interior.

Na cabeça temos uma espécie de coroa a que chamamos lindjionda, em língua maconde, feita de palha e com penas de aves a toda à volta. Essa vai para a cabeça com um fio que ajuda a coroa de penas a não cair. Temos também chocalhos para

amarrar nas pernas/pés. Neste caso este que mostro tem um único fio, mas há necessidade de ter dois fios para poder prender bem, um por baixo e outro por cima. Os chocalhos em língua maconde chamam-se mheve. Podemos usá-los nas duas pernas/dois pés, ou apenas numa perna/pé, dependendo da disponibilidade de chocalhos. Caso o grupo não tenha chocalhos suficientes, podem dividir-se e cada integrante do grupo usar apenas um, numa perna/pé para equilibrar no momento em que eles forem interpretar a dança.

Durante a interpretação da dança temos muitos passos que são criados para fazer a dança nondje e são esses passos que fazem a dança nondje ser diferente das outras, por ser uma dança guerreira. Essa diferença nota-se quando nós usamos a espingarda quando estamos a dançar o nondje. Quando estamos a preparar-nos para executar a dança nondje, o tamborista dá-nos sinal e começamos a dançar e a dizer: “Nós queremos abater um avião ou um helicóptero” e fazemos movimentos como se estivéssemos a apontar a arma a um avião, mostrando que queremos abater o avião. Podemos fazer assim [mostrando um movimento] entre nós e dizer que estamos a guerrear. São realmente esses passos e esses adereços que fazem a dança nondje ser diferente das outras.

Os instrumentos para a execução da dança nondje não diferem muito daqueles que usamos na dança limbondo, por exemplo, nem daqueles instrumentos que usamos na dança xindimba e até na dança mapiko ou tamadumbe.

Temos a base do ritmo da dança nondje que chamamos de likuti (singular) e makuti (plural). Normalmente temos dois ou três likutis e cada likuti executa diferentes compassos e ritmos. Depois temos o ntodji que é o tambor/batuque um pouco mais comprido que tem um som que eu posso considerar belo, comparando-o com o piano. Ele é o principal, é esse batuque que acompanha o movimento dos bailarinos durante a dança. Em cada passo que é executado, o ntodji dita durante toda dança aquilo que eles fazem. Quando eles batem os pés o batuque ntodji também tem que acompanhar. Quando eles batem as mãos, o batuque tem que acompanhar, mas aqueles outros (makuti) estão na base a manter aquele ritmo em que todos estão a dançar. Depois temos o ligoma que serve para trazer mais beleza e para enriquecer mais a música. Temos o apito que não pode faltar. O apito pode ser usado durante a dança pelo tocador do ntodji, ou então, por um dos entoadores. Durante o momento em que o tocador vai tocando o batuque, vai tocando também o apito. O dançarino também pode fazer a mesma coisa. Isso serve para trazer mais beleza e destacar mais a dança levando as pessoas a gostarem mais.

Portanto, esses são os instrumentos básicos para a prática da dança nondje. Hoje em dia, se quisermos inventar um outro instrumento e meter na dança, isso não está vedado, mas os básicos são esses que eu disse.

Falando das canções, elas são aquelas a que me referi. Elas têm um cunho revolucionário, falam e expressam os sentimentos dos guerreiros (guerrilheiros), aquilo que eles sentiam durante a luta de libertação nacional, davam-lhes mais coragem, exaltavam a valentia e a coragem de um guerreiro, a unidade nacional, o

repúdio à opressão e ao xibalo. Então, as canções realmente giravam à volta disso tudo, mas também podiam fazer críticas à própria sociedade. Naquela altura não estávamos todos unidos a lutar contra o colonialismo, também tínhamos aqueles que faziam o contrário. Então, as canções podiam estar à volta da crítica a essas pessoas.

Então, o que é que isso quer dizer? Que o nondje é mesmo uma dança tipicamente guerreira, falando desse contexto todo. Tínhamos até pessoas que depois de voltarem do combate, com as suas próprias armas, faziam parte desse grupo de dança nondje e dançavam com as suas armas verdadeiras. Mas essas armas eram usadas depois de terem sido desactivadas, para não criar qualquer problema.

P: Como já vimos, o nondje é uma dança de representação da guerra de libertação. Como é que se fazia essa transição dos trajas de um soldado, de um combatente para um dançarino de nondje.

VM: Naquele tempo, pelo que pude perceber, havia dificuldades com os uniformes, mas havia aqueles que já tinham. Então, podiam vir vestidos com o seu uniforme militar e dançavam com ele ou com a própria roupa trazida de casa. Mas isso não impediu que as pessoas criassem uma indumentária própria para a dança nondje que é a que eu me referi antes. Por causa disso, quando aquele soldado vinha com a sua arma e com o seu uniforme militar e dançava ali, esse uniforme militar passou a ser uma indumentária alternativa do nondje. Tratando-se de uma dança tipicamente guerreira, então há essa indumentária alternativa que é o próprio uniforme. Isso é comum, hoje em dia, se quisermos abdicar dessa indumentária natural, ou básica e vestirmos um uniforme militar é para mostrar que estamos a fazer nondje que é uma dança tipicamente guerreira.

P: Existe um livro de hinos revolucionários que tem várias canções, naturalmente com mensagens transmitidas através do nondje. Poderia dar um exemplo e traduzir uma dessas canções?

VM: A maior parte das canções da dança nondje foi criada por populares durante a execução da dança, mas temos aquelas canções revolucionárias da FRELIMO que são oficiais. Essas canções eram criadas por oficiais ou militantes da FRELIMO durante os combates, durante os treinos e culminaram com esse livro. A que nós cantamos na dança nondje é aquela que diz “FRELIMO wa hina mwicho...” quer dizer que a FRELIMO não tem fim, é um movimento que vai durar por tempo indeterminado.

Com o ritmo da dança nondje vimos que essa canção se encaixava e já a usámos mas a maior parte delas são canções inventadas pelos próprios dançarinos da dança nondje, por exemplo, uma que diz assim: “A chitende mondo yaku...ya ka rha mondo

ya Ngungunhana...” traduzindo, eles falavam dos que faziam a luta de resistência, nos tempos mais antigos, Ngungunhana e outros resistentes, neste caso Malapende que era no Norte, mas podia também falar-se de Mataka ou falar de um outro líder daquela época que fazia essas guerras de resistência à ocupação colonial.

Há uma outra canção, por exemplo, que dizia... eram canções perjorativas para os colonos, que dizia “tunhuketere, Katangola, pingo, hehehe, heeeee”. Durante o colonialismo e mesmo durante a luta de libertação nacional acontecia o colono ser carregado [numa machila] por duas pessoas, carregavam-no enquanto fumava, à vontade, fazendo uma distância como daqui até Marracuene. Então, por causa da revolta que sentiam, as pessoas cantavam, mesmo com o colono a ouvir, mas estavam a troçar e diziam: “nós carregamos algo que não fala”. Esse algo que não fala era dito: “tunhuketere Katangola”. “Mpingooo...” Mpingo é pau-preto e pau-preto não fala. Então, era uma maneira de fazer troça. O colono ria-se e pensava: “Estes estão a adorar-me”. Era uma maneira da população dizer que estava cansada da situação. Eram essas as canções que realmente eram entoadas e ainda outras que têm exactamente esse mesmo cunho.

P: Podemos encontrar essas canções escritas?

VM: Nós mesmos podemos escrever, porque são canções cantadas maioritariamente em maconde. A letra existe, é só questão de colocarmos no papel e podemos até gravar. Nós entoamos essas canções quando fazemos a dança nondje.

P: Existe alguma diferença entre o nondje praticado no seu local de origem (Cabo Delgado) e o nondje praticado em outras regiões do país?

VM: Não existe nenhuma diferença, porque o nondje desde que existe já criou os seus passos que são interpretados e a maior parte deles são os mesmos que até hoje são executados. Mas isso não impediu que as pessoas criassem mais passos. Foram criados mais passos e ainda continuam a ser criados, basta para isso ter criatividade. Tendo em conta a natureza da dança pode-se recriar muito bem. É uma dança guerreira, mas não significa que todos os passos que são executados na dança nondje são de natureza guerreira. A agricultura é uma das actividades que podemos representar na dança nondje, porque as pessoas iam para a guerra, mas quando voltavam tinham que comer. Os guerrilheiros iam produzir. Então, há necessidade de pormos lá essa história: que para além da guerra nós produzíamos. Há passos sobre a agricultura que são apresentados na dança nondje, mas as pessoas também iam a caça e também há passos sobre a caça que são representados durante a dança nondje.

Também há a ideia de mostrar que nós lutámos e depois tivemos a independência, de seguida houve a guerra dos dezasseis anos, depois tivemos os Acordos de Paz, depois abraçámo-nos. Então, o nondje tem partes que representam essas situações. Não são passos diferentes dos que eram praticados lá em Cabo Delgado os que são praticados aqui. Há essa difusão e há a criação de outros passos.

P: Quanto tempo dura uma apresentação da dança nondje?

VM: Depende dos passos que cada grupo pode colocar na coreografia, pode variar de sete a dez ou até a 15 minutos. Podemos, por exemplo, montar uma coreografia em que a dança tenha que durar dez minutos. Então, temos que saber quantos segundos ou minutos cada passo deve levar, se vamos repetir o mesmo passo duas vezes, ou executar cada passo uma vez. Varia de grupo para grupo, não há um padrão estabelecido que diga quanto tempo deve durar a dança. Por exemplo, aquando da realização do Segundo Festival da Cultura que se realizou em 2002 nas cidades de Maputo e Matola, o grupo foi lá apresentar a dança nondje e como eles tinham definido realmente um tempo padrão para quase todos grupos, tivemos que fazer o nondje em cinco minutos, mas nós, normalmente, passamos os cinco minutos. Podemos ir aos sete, oito, dez, porque queremos sentir-nos livres em fazer as danças sem correrias, como éramos obrigados a fazer naquela altura.

P: É possível associar a dança a uma representação teatral?

VM: Faz sentido sim. Como me referi é possível haver um casamento entre a dança nondje e o teatro, aliás, o nosso grupo fez isso há alguns anos atrás. Nós pegámos algumas práticas do colonialismo português e depois pegámos em algumas cenas da história recente de Moçambique – estamos a falar do Acordo Geral de Paz – e “casámos” com a própria dança. Antes da dança começar mostrámos algumas encenações em que o sipaio está com o chamboco na mão, a obrigar a população a fazer o trabalho forçado na machamba e a bater. Então, isso é possível. Depois disso inicia a dança e depois da dança correr, podem correr outras cenas de teatro. Por exemplo, no Acordo Geral de Paz, depois de entre nós, irmãos, lutarmos e conversarmos, chegámos ao momento em que nos abraçámos e festejámos. É possível casar o teatro com o nondje, já o fizemos. Não só nesse grupo, mas muitos outros grupos fazem isso.

P: Durante muito tempo, o nondje, como tantas outras danças guerreiras, foi exclusivamente masculina, um cenário que está a mudar com a inclusão de mulheres

nesses grupos de dança. Qual é o seu ponto de vista em relação a essa mudança de paradigma?

VM: Eu penso que é positivo porque a cultura não surgiu, ou não existe, só para o homem – sexo masculino – a cultura é feita por homens no sentido mais amplo, todos fazem parte dessa sociedade humana. Então, todos eles têm sentimentos e esses sentimentos podem ser expressos através da dança, da canção, do teatro, da fotografia, da pintura. Não está vedada a participação das mulheres na dança nondje, como em qualquer outra dança. O que acontecia antes é que as mulheres pensavam que como estavam mais ligadas às tarefas domésticas, no período da luta de libertação nacional, deviam deixar para os homens a participação na dança. Mas não foi vedada a participação das mulheres. Depois da independência já era normal cada uma voluntariar-se e ir fazer parte do grupo e praticar a dança nondje. Portanto, eu penso que a participação das mulheres é positiva, traz mais riqueza à própria cultura, traz mais dinâmica, mais beleza na interpretação da dança. Por exemplo, o que faz um homem a dançar é diferente do que faz uma mulher. Portanto, se casarmos essas duas interpretações no palco sai uma coisa bonita e interessante. Penso que é muito positivo, devíamos encorajar e fazer com que continue.

P: O uso da arma na apresentação da dança nondje continua a ser importante ou, no contexto actual, pode estar a transmitir uma mensagem de violência? Poderia substituir-se a arma, usar um outro instrumento ou objecto?

VM: Repare que a dança nondje foi criada no contexto da luta de libertação nacional. Temos aqui um património que foi criado, a dança, e ela tem as suas características. Ela difere das outras danças por causa dessas características. Então, eu não concordo em substituir a arma e fazer com que ela deixe de existir e continuar a usar os outros elementos. Afinal de contas, o que estamos a fazer é continuar a dizer que essa dança foi criada num determinado momento, existiu e pode continuar a existir. Estamos a contar uma história e numa perspectiva histórica tem que continuar a existir para as pessoas a conhecerem. Para além de estarmos a promover a própria dança que já existe, estamos a contar às gerações actuais e até às vindouras, através dos filmes, etc., que existiu essa dança e que ela era executada para nos transmitir uma mensagem num contexto específico.

O que estamos a fazer é contar uma história e a dança é necessária. Usamos esse instrumento para, num determinado contexto, transmitirmos uma mensagem que diz: “Isso não pode, isso pode”. Então, a arma tem que existir para dizermos que naquela altura nós pegámos na arma para expulsar o colonialismo português. Estávamos oprimidos, o colono não nos dava liberdade. Então, estamos a fazer duas coisas: estamos a dançar, mas também estamos a contar uma história que realmente aconteceu. Eu penso que não faz sentido retirarmos a espingarda, a arma, na dança nondje.

P: Neste caso, a salvaguarda de todos os componentes desta dança mostra-se necessária?

VM: Mostra-se necessária, porque senão vai perder a essência. É a mesma coisa que dizer: eu quero dançar xigubo, mas sem aqueles escudos. Se calhar, podemos chamar-lhe outra coisa, como agora já temos a liberdade de fazer uma dança contemporânea, mas quando nós tiramos um certo elemento e depois colocamos outro, depois fazemos isso... aí já estamos a criar uma outra coisa, na minha opinião, que não é o xigubo. Se criarmos uma outra dança em que tiramos a arma e depois dizemos que vamos dançar nondje, não sei se realmente isso fará sentido, na perspectiva daquilo que é o nondje como dança.

P: Nós temos como objectivo neste projecto recriar esta dança. Depois da vossa apresentação, um outro país participante vai ter a missão de a recriar. Nesse processo de recriação há aspectos-chave da dança nondje que não podem ser perdidos. Eles não vão trazer todos os aspectos da dança, talvez adicionem algo relacionado com a sua cultura. Quais são os aspectos-chave ou as características-chave que não se podem perder nesta dança?

VM: Eu penso que se pode dispensar, por exemplo, o uso da capulana, podem-se dispensar, se calhar, os chocalhos, se não os houver, mas a saia de palha (nkunumbe), essa coroa com penas e a própria arma têm que continuar. Se não tivermos os chocalhos, se não tivermos as capulanas a cruzarem o tronco, mas tivermos essa coroa na cabeça, tivermos a nkunumbe e tivermos a espingarda, já temos aí a base do nondje. Esses aspectos devem ser preservados, nós até chegámos, num momento de crise, a não ter a matéria-prima para a produção de chocalhos para as pernas. Tínhamos a coroa com penas, tínhamos a espingarda e tínhamos a saia de palha. Alguém que conheça o nondje conclui que se trata da dança nondje, é o que a faz diferenciar-se das outras.

Como eu dizia, por exemplo, temos a dança limbondo, que usa a saia de palha, temos aqui no Sul a dança xingomana onde usam também a saia de palha. Temos, por exemplo, makway de Sofala onde também costumam usar a saia de palha. Então, imagine se estamos a fazer a dança nondje sem a coroa de penas, sem a espingarda, só com a saia de palha, se calhar, poderíamos procurar fazer os movimentos da arma, mas com a própria arma faz mais sentido. É trazer o real para as pessoas ao invés de mímica, trazer mesmo um exemplo claro.

P: Falou das diferenças entre mapiko e nondje. Quais são os aspectos que diferenciam estas danças?

VM: Como disse no princípio os instrumentos que são usados entre a dança mapiko e nondje, alguns são similares. Por exemplo, o likutl, o ligoma e o ntodji (tambores) podem ser usados tanto no nondje como no mapiko, mas o que acontece é que não usamos no nondje a cadência que é usada no mapiko quando é tocado, porque tem os próprios instrumentos que fazem a cadência típica do mapiko. Para além disso, a maneira de dançar é diferente do nondje, o próprio bailarino principal que é o lipiko (o mascarado), são alguns aspectos que se diferenciam do nondje.

O nondje diferencia-se do mapiko por causa da indumentária, dessa coroa, por exemplo, que se usa na cabeça. Não quer dizer que o mapiko no momento que estiver a ser dançado não possa usar a coroa do nondje. O que é que estará a fazer nesse momento? Estará a interpretar um passo, usado na dança nondje, na dança do mapiko. Portanto, ele faz um empréstimo da dança nondje para fazer na dança mapiko, para as pessoas verem que naquele momento ele está a interpretar um passo da dança nondje. Tem que ter essa coroa na cabeça, tem que ter a arma. Então, fazemos essas todas adaptações.

P: Já tiveram situações em que a dança nondje foi confundida com outras danças guerreiras?

VM: Por causa da ausência de alguns elementos mais básicos da dança, o nondje já foi confundido por alguns jovens com a dança limbondo, por causa de termos apenas a saia de palha, não tínhamos a arma, nem a coroa. Estávamos a dançar só com a saia de palha e as pessoas que não conheciam o nondje diziam: “Esta dança é limbondo, eu gosto muito de limbondo”. Então, tivemos que explicar que não se tratava do limbondo, mas tratava-se da dança nondje, só que não tínhamos material para usar os outros componentes da indumentária e as pessoas não perceberam que era a dança nondje. Porque o limbondo só traz a saia de palha, podem-se pôr chocalhos e capulanas, ou ficar de tronco nu, mas no nondje tem que se ter as capulanas ou a camiseta interior, mas com a presença da espingarda já se tem a dança nondje lá representada.

P: O Valério Muale é membro fundador do Grupo Cultural “Massacre de Mueda”. Fale-nos do grupo e das pessoas que fazem parte dele.

VM: O Grupo de Dança “Massacre de Mueda” surgiu em 1997, a partir de um grupo popular que já existia, um grupo de que faziam parte combatentes da luta de libertação nacional que vieram depois da independência para cá [Maputo]. Alguns eram até presos políticos aqui na ilha Xefina, outros eram da Maragra, etc. Quando chegaram aqui era um grupo heterogéneo, tínhamos pessoas que sabiam esculpir, que sabiam tocar e que sabiam dançar. Então criaram um grupo de mapiko. Esse grupo foi continuando e os jovens foram entrando e dando continuidade, enquanto aqueles velhos combatentes ainda existiam.

Havendo necessidade de termos outras danças representativas de Cabo Delgado e tendo algumas pessoas que estavam lá e sabiam dançar questionávamo-nos: “Por que é que não podemos criar outras danças?” A resposta era: “Porque os velhotes não têm muito tempo”. Então, se os velhos não têm tempo por que é que nós, jovens, não podemos criar esse grupo, para podermos praticar essas danças? Foi neste contexto que o Grupo Cultural Massacre de Mueda surgiu, faziam parte dele, sobretudo naquela altura, filhos dos combatentes. Depois com o andar do tempo foram entrando outras pessoas que não eram filhos de combatentes, mas também pessoas aqui do sul, centro e norte. Agora o grupo é mesmo assim, um grupo composto por pessoas dessas três regiões.

Temos no nosso repertório o mapiko que é o nosso cartão-de-visita. Depois temos limbondo, nondje, xindimba, wadjaba, tamadume e agora queremos e estamos a procurar trocar experiências com outros grupos, para podermos ter danças como, por exemplo, niketche, makway de Sofala e outras danças. O grupo é isto, mas também não estamos fechados a danças contemporâneas. Já participámos com outros grupos para fazer uma peça contemporânea, por exemplo, para fazer um bailado, mas a essência do grupo é a dança tradicional originária de Cabo Delgado.

Agora, falando da dança nondje, posso dizer que é uma dança originária de Cabo Delgado, concretamente do planalto de Mueda. Ela surgiu no contexto da luta de libertação nacional, entre 1967-1968, quando as primeiras zonas libertadas começaram a surgir. O nondje foi criado por jovens que naquela altura viviam nos internatos das zonas libertadas, mas quando iam de férias para as suas povoações de origem sentiam que tinham que se divertir, tinham que se abstrair do que faziam. Foi nesse contexto que o nondje surgiu como dança de resistência ao colonialismo em Moçambique. Por isso mesmo ela carrega aquelas mensagens nas suas canções, de repúdio em relação ao colonialismo, de exaltação à coragem e à valentia dos guerrilheiros, à unidade nacional dizendo: “Nós estamos aqui fortes”. Aliás, a própria palavra “nondje” (maconde) traduzida para português quer dizer “embondeiro”. O embondeiro é forte, muito forte. Então, aquela unidade originou essa dança onde se queria transmitir a mensagem “Basta de colonialismo”. Por isso mesmo entraram as espingardas, entraram canções revolucionárias, para exaltar o povo a unir-se cada vez mais, a fazer mais para poder expulsar o colonialismo português.

P: Tem referências de outras pessoas que pudessem ser contactadas para termos mais subsídios sobre esta dança?

VM: Temos pessoas que vivem aqui mesmo na cidade de Maputo, algumas fizeram parte deste grupo, agora já são adultas, outras já estão na reforma, fora dos seus locais de trabalho. Mas temos também outras pessoas que estão nas províncias e de que podemos ter os contactos para termos informações adicionais.

Temos, por exemplo, os senhores Tobias Mateus Nkunda, André Feliz Maguendo, Firmino Ernesto Nguele, Angélica Nkalimile, Judite Gaspar, Marcelino Diname, Joaquim Nido e outros.

Apenas quero acrescentar que a dança não era só dançada nos tempos em que havia a guerra de libertação, depois da independência ela ganhou outra dimensão. Hoje pode ser executada em vários eventos, nos festivais nacionais de cultura, em casamentos, nos feriados nacionais. Temos feito essa dança mesmo nos intercâmbios culturais que têm existido entre os grupos aqui na cidade. A dança nondje não é só para ocasiões muito específicas, pode ser dançada em qualquer ocasião.

P: Existe algum ritual que o dançarino do nondje precise de fazer para executar a dança?

VM: Não. No nondje não é preciso passar por cerimónias para fazer parte do grupo. Nas danças que são parte da cultura maconde e onde se exigem rituais, para se poder fazer parte delas, temos o mapiko e a dança de vanalombo/xinalombo que são danças ligadas aos ritos de iniciação.

Abril de 2023
Entrevistadora: Elisa Vanessa
Edição: Paula Ferreira

